



ESTRANGEIROS

- de -

Né Barros

É uma dança-pensamento a que Né Barros vem produzindo nos últimos anos, ao refletir sobre tópicos candentes do nosso presente: a paisagem, a fronteira, a deslocação, a viagem. Aos corpos que habitam este território coreográfico a criadora chamou "movimentantes". Desta vez, são estrangeiros. Um termo ambíguo, de inquietantes ressonâncias existenciais (por aqui, passa a sombra de O Estrangeiro de Albert Camus), que designa tanto aquele que se encontra num país que não é o seu, como aquele que transporta uma estranheza, que não pertence a um espaço, tempo ou grupo. Estrangeiros é também, do ponto de vista disciplinar, uma criação apátrida: com música ao vivo de Alexandre Soares (habitual companheiro de estrada da coreógrafa) e Jorge Queijo, o espetáculo adquire a espaços contornos de concerto, perfazendo um arco musical que vai do hard rock à filigrana sonora da guitarra portuguesa. No centro deste lugar estranho, está contudo o corpo pensante-dançante, capaz de interagir com a velha máquina cénica e com a nova antimatéria digital.

(in caderno de programação TNSJ)

INDÍVIDUOS MEIO DESLOCADOS (COM MÚSICA DENTRO)

Jorge Manuel Lopes

A primeira estranheza, a gente encontra-a assim que se detecta sinal de vida no palco. Não é ostensiva, mas está lá.

Contra um fundo de intenso vermelho ganha forma uma banda rock. A bateria rasga o caminho enquanto cinco guitarras eléctricas erigem uma suave muralha de som. Suave porque não derrapa para o truque barato do ruído-pelo-ruído. Durante boa parte do tempo, os dez braços fundem a mão cheia de instrumentos numa disciplinada espécie de locomotiva. Mas há um momento em que a convergência começa a tremer e em que a pose de quatro dos músicos vacila. Baixam a guarda, a atenção e as guitarras. É o momento em que os bailarinos (Bruno Senune, Flávio Rodrigues, Joana Castro, Pedro Rosa) se descolam dos instrumentistas-instrumentistas (Alexandre Soares, Jorge Queijo) e em que se começam a vislumbrar as múltiplas vias de Estrangeiros.

Estrangeiros não é um concerto de vago parentesco com o rock, mas a sua trilha sonora – tecida à vista de todos como se cada espectador tivesse livre-trânsito à casa das máquinas, desobstruindo assim o contacto di-

recto com a fonte emissora de magia – sobreviveria sozinha. Estrangeiros tem corpos em movimentos, e o complexo e contraditório tricotado que eles tecem até era capaz de se sustentar rodeado de silêncio. E, no entanto, aqui a banda e os bailarinos vivem bem juntos.

Vivem bem convergindo e divergindo entre si durante uma hora e pouco. Neste projecto de Né Barros, e tal como sucedeu em várias outras aventuras passadas, os corpos manifestam o seu ser estrangeiro (definição de estrangeiro de acordo com o dicionário da Academia das Ciências de Lisboa: "Pessoa que pertence a outro grupo, a outra classe, a outro meio"), derivando entre o movimento colectivo e a estranheza dos gestos solitários. Estranheza e liberdade, pode especular-se perante o que aqui se vê, são dois círculos com não mais do que uma singela língua de terra de intersecção.

Em Estrangeiros cabem copiosos movimentos e não-movimentos. No princípio há imobilidade, ou quando muito gestos ínfimos, sobre música gotejante. Há corpos aferrolhados com correntes invisíveis, mas também os há desorientados, ou em instável equilíbrio mental e físico.

Voando ou nadando para um vazio que não devia sê-lo. Seres vivos cuja fuga é detida pelas barras ferrugentas da banda sonora.

Uma outra dimensão se abre quando a tela lá ao fundo ganha vida graças às imagens criadas por João Martinho Moura. São monocromáticas, geométricas (embora renitentes a fixarem-se em formas), nervosas e austeras. Por vezes recriam os passos dos bailarinos, e o resultado assemelha-se às figuras grafitadas de Keith Haring, só que assoladas por bichos-carpinteiros. Da primeira vez que são projectadas, o seu negrume contrasta com os amarelos quentes que entretanto deram à costa no palco e com os movimentos despidos de qualquer teia de hesitação: há troncos e membros que celebram, dançam (como num concerto rock) e lutam contra o ar, ou contra o que não se vê.

Apesar dos vários instantes em que o ritmo marcado por Jorge Queijo acelera e a guitarra mexida por Alexandre Soares acena com acordes de estruturas familiares, a música em Estrangeiros toma a sensata decisão de não se deixar prender no recanto esgotado do rock. Certa vez, por exemplo, a massa sonora começa a ganhar camadas de tensão surda e a bateria investe por um labirinto em busca de uma forma fluida de jazz; felizmente, e porque a desorientação conduz por vezes aos melhores destinos, não chega a encontrar o caminho desejado, e o resultado é um mutante apoplético.

Que mais fazem os corpos em Estrangeiros, espaço que eles ocupam e

abandonam com a regularidade das marés, lugar propício para mostrarem toda a bizzarria, fragilidade, precisão, cansaço e afecto? Eles balbuciam a partir de um buraco muito fundo, à vontade umas duas sub-sub-caves apenas acima de um cenário de Hieronymus Bosch. De novo banhados em luz vermelha (que outra cor serviria?). Há diversos instantes de disjunção entre o ritmo e a intensidade do que se ouve (elevados) e dos gestos desenhados no palco (parcimoniosos), pese a organicidade que os une pela raiz. E há outra questão a pairar desde o início (do espectáculo e do texto): é isto, ou podia isto ser, um concerto de Alexandre Soares e Jorge Queijo intermediado por quatro seres em sobressalto? Seres que podem ou não conversar fisicamente com a música? Sim, isto podia ser um concerto (mas também um filme sobre um conjunto de indivíduos meio deslocados). Não, porque a esse concerto faltaria o comentário, feito por actos ou omissões, dos bailarinos. Um bom tempo após o começo eles voltam a pegar nas guitarras, mas desta vez os totens de seis cordas são confrontados com a sua irremediável obsolescência, e o que deles sai são gargarejos, breves golfadas de electricidade mal medida, frustração desarticulada. É um ritual de aniquilação do rock que, até certo ponto, se estende às poucas ocasiões em que esses mesmos bailarinos se abeiram do microfone – o que sai é a aparente (deliberada?) ausência de linguagem; uma ausência que contamina mesmo Joana Castro quando recita

o parágrafo final de O Estrangeiro de Albert Camus, enevoando dessa forma a referência ao poço de onde sai a água bebida em Estrangeiros.

Este projecto contém muito mais do que a ilusória roda livre de movimentos a esbarrarem contra a sua própria redundância. Mas esta é uma roda livre quase sempre condicionada por uma fronteira que, na verdade, só se detecta no momento em que é abolida: quer se agitem de forma uníssona, quer se sacudam de modos pessoais e intransmissíveis, os quatro intérpretes de Estrangeiros são peças estanques, atomizadas, como que seladas no interior de um campo energético. É por isso que, quando os corpos finalmente se tocam, se reafirma com total clareza que os Estrangeiros não o são apenas face ao mundo lá fora – eles também são, muitas vezes, estrangeiros uns para os outros. Primeiro é um pé que pousa num peito, e o efeito desse gesto equivale a um salpico de tinta verde numa tela demoradamente branca. Depois é um longo beijo na boca, e os olhos não têm como descolar da veemência da pele e dos músculos em fusão e agitação. E há ainda aqueles corpos em ressaca, cambaleantes, que se amparam uns aos outros, impreparados para o confronto com a luz branca, crua e intensa, do dia e/ou da realidade alheia.

A ferrugem volta à música perto do final, mas desta vez o que se evoca é o balançar de um barco fantasma. O rock morreu de esgotamento e foi substituído por pose e eco despejados para um vasto espaço vazio. Os homens

é o facto de serem apenas homens é deliberado – pela atipicidade, pela sempre presente estranheza que daí decorre) são homens sob a influência, os sentidos e os gestos como que toldados, remelentos. Nada há de abertamente erótico nisto? Não de uma forma ostensiva, estereotipada, mas cada olhar lê um mesmo texto de muitas formas. Reduzidos à sua forma basilar, estes Estrangeiros são gente arremessada para um vácuo mental. São estrangeiros em relação a quê? A eles próprios e a tudo. Gesticulam como quatro películas projectadas em paralelo e sem afinidade entre si. Nas mãos de Alexandre Soares, a guitarra portuguesa que dá o mote para o derradeiro (e inacabado) strip-tease tem duas partes de Carlos Paredes para uma parte de sul da Ibéria. O efeito de assombrosa estranheza (estrangeiriza?) é equivalente ao beijo na boca de há bocado. Gingando as ancas, o olhar de desafio dos bailarinos fixado no espectador sugere um desenlace optimista: a sua condição alienígena pode ser um estado, qualquer coisa exterior à sua identidade. Se calhar, eles não são Estrangeiros. Se calhar, eles estão Estrangeiros.



Um mundo que se pode explicar, mesmo com más razões, é um mundo familiar. Mas, pelo contrário, num universo subitamente privado de ilusões e de luzes, o homem sente-se um estrangeiro. Tal exílio é sem recurso, visto que privado das recordações de uma pátria perdida ou da esperança de uma terra prometida. Esse divórcio entre o homem e a sua vida, entre o ator e o seu cenário, é que é verdadeiramente o sentimento do absurdo.

ALBERT CAMUS – O Mito de Sísifo (1942).

Trad. Urbano Tavares Rodrigues. Lisboa: Livros do Brasil, 2005. p. 16.

Estrangeiros

Né Barros

Em diversos trabalhos que fui realizando, noções como a paisagem, a fronteira, o móbil, os diferentes planos, têm sido exploradas tomando sempre como principal motivo um corpo em construção, o corpo como imagem e a imagem como deslocação. A estes corpos dançantes expatriados, deslocados, chamei-lhes solistas ou, num neologismo, movimentantes. Desta vez são estrangeiros.

Estrangeiros é um novo projecto para desfrutar dos corpos e das suas imagens, e lhes desvendar aquilo pelo qual se tornam, justamente, estrangeiros.

Aparentemente carregados de identidade definida, os estrangeiros são, afinal, figuras transversais esvaziadas. No seu deferir, estas figuras são deslocações ora de clichés de identificação, ora de estranhezas genuínas comportamentais. Estas figuras oscilam entre um colectivo, um padrão, e um impessoal, solitário. Isolados, os estrangeiros vão cumprindo, exterior ou interiormente, a ideia de um estrangeiro face ao mundo que nos persegue. Por isso, não poderia esquecer O Estrangeiro de Albert Camus como o homem absurdo, como o mergulho no sentimento do absurdo, como nota Sartre sobre este estrangeiro.



ESTRANHEZAS DO ABSURDO

Nelson Zagalo*

Na introdução ao seu novo espetáculo de dança contemporânea, Estrangeiros, Né Barros fala-nos da inspiração em O Estrangeiro (1942), um dos livros mais importantes de Camus, aonde ele espelha toda a essência da sua visão do mundo e da vida, definida pelos críticos como "a filosofia do absurdo".

O estrangeiro de Camus movimenta-se por entre o mundo de forma inconsequente, sem rumo nem sentido.

Transborda da prosa a sensação de total estranheza face ao quotidiano, ao circundante e ao chamado "real". É isso que vemos na nova obra de Né Barros, uma demonstração contínua do absurdo do movimento do corpo, da total estranheza que percorre os movimentos menos familiares, aqui fortemente explorados. Os intérpretes desdobram-se, transmutam-se, encolhem-se, esticam-se, em poses invulgares que despertam os nossos sentidos, e nos perturbam, tudo isto em movimentos rítmicos ainda menos comuns, numa espécie de staccatos do movimento corporal.

Em termos formais, posso dizer que por momentos, a meio da performance, me senti remetido para o universo existencialista de Paris, Texas de Wim Wenders (1984). Por toda a sua estranheza, também muito camusiana, por todo

o isolamento, mas claramente pelos acordes sonoros emanados da guitarra a soar a Ry Cooder. Essa é das particularidades mais interessantes em toda a performance, a força da música, e em particular da guitarra eléctrica.

O espectáculo abre com seis pessoas em cima do palco, cinco guitarras e um baixo, tocando poderosamente num ritmo hard-rock. Os intérpretes (Bruno Senune, Flávio Rodrigues, Joana Castro e Pedro Rosa) abandonam as guitarras, mas em palco permanecem ao longo de toda a performance dois músicos (Alexandre Soares e Jorge Queijo). Um guitarrista com uma parafernália de pedais de efeitos e um baterista, que, para além de cuidar de uma caixa de efeitos electrónicos, por vezes toca bateria enquanto toca guitarra com um arco de violino. Por detrás dos músicos corre um panorama que de tempos a tempos se ilumina e no qual se projectam traços e riscos interactivos sobre um fundo negro (João Martinho), que vão sofrendo distorções na relação com os performers, ora pela via do movimento ora pela via da voz e choro. Ao longo do espectáculo, as cordas vão transmutando-se, evoluindo para níveis mais pesados, a roçar o trash metal e a fazer lembrar os Metallica dos anos 80, passando

* Professor da Universidade do Minho e investigador nas áreas do cinema e da realidade virtual.

depois por momentos de estranheza psicadélica, a evocar a ficção científica dos anos 70, progredindo para momentos da mais pura ambiência electrónica, e elevando-se no final sob a melodiosa e fina sonoridade de uma guitarra portuguesa. Tudo isto acompanhado pela projecção visual de formas que seguem interactivamente o que se passa em cena e envolvido por um desenho de luzes perfeito (Alexandre Vieira). Toda esta formalidade técnico-artística é servida com excelentes performances de dança do absurdo, fazendo deste espectáculo um momento poderoso, a nível sensorial, capaz de nos envolver e transportar numa jornada existencial:

"Nem sequer tinha a certeza de estar vivo, já que vivia como um morto. Eu

parecia ter as mãos vazias. Mas estava certo de mim mesmo, certo de tudo, mais certo do que ele, certo da minha vida e desta morte que se aproximava. Sim, não sabia mais nada do que isto. Mas ao menos segurava esta verdade, tanto como esta verdade me segurava a mim. Tinha tido razão, tinha ainda razão, teria sempre razão. Vivera de uma dada maneira e poderia ter vivido de outra dada maneira. Fizera isto e não fizera aquilo. Não fizera uma coisa e fizera outra. E depois? Era como se durante este tempo todo tivesse estado à espera deste minuto... e dessa madrugada em que seria justificado. Nada, nada tinha importância e eu sabia bem porquê."

ALBERT CAMUS – O Estrangeiro





Também eu me sinto pronto a tudo reviver. Como se esta grande cólera me tivesse limpo do mal, esvaziado da esperança, diante desta noite carregada de sinais e de estrelas, eu abria-me, pela primeira vez, à terna indiferença do Mundo. Por o sentir tão parecido comigo, tão fraternal, senti que fora feliz e que ainda o era. Para que tudo ficasse consumado, para que me sentisse menos só, faltava-me desejar que houvesse muito público no dia da minha execução, e que os espectadores me recebessem com gritos de ódio.

ALBERT CAMUS – O Estrangeiro (1942).

Trad. António Quadros. Lisboa: Livros do Brasil, 2006. p. 118.

Estrangeiros

Direcção e coreografia **Né Barros**

Música **Alexandre Soares, Jorge Queijo**

Arte digital **João Martinho Moura**

Desenho de luz **Alexandre Vieira**

Adereços e figurinos **Flávio Rodrigues, Né Barros**

Interpretação **Bruno Senune, Flávio Rodrigues, Joana Castro, Pedro Rosa**
(bailarinos); **Alexandre Soares, Jorge Queijo** (músicos)

Produção executiva **Tiago Oliveira**

Co-produção **Balletteatro, Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura, TNSJ**

Parceria **engageLab (Universidade do Minho)**

Dur. aprox. 1:15

>18 anos

balleteatro

Praça 9 de Abril, 76 | 4200-422 Porto | tel. 935239027
email: producao@balleteatro.pt | www.balleteatro.pt

Estrutura financiada por:



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETARIO DE ESTADO
DA CULTURA

*dg*ARTES
DIRECÇÃO GERAL
DAS ARTES



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN